

# Arquitetura do medo na cidade

*Socióloga critica planejamento urbano com formação de guetos, que ampliam desigualdade social*

**R**efletir sobre a cultura do medo, que transforma casas em fortalezas, distancia cada vez mais ricos e pobres, e torna favelas e periferias em guetos modernos, "demonizados" e excluídos pelo restante da cidade.

Esta é a proposta de Vera Malaguti Batista, que está hoje em Vitória, no Congresso Cidades 2006. Socióloga, mestre em História, doutora em Saúde Coletiva e secretária-geral do Instituto Carioca de Criminologia, ela vai ministrar a palestra "Cidades e Arquitetura do Medo", a partir de pesquisas que gerou o seu segundo livro: "O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história".

**A Tribuna - O que é arquitetura do medo?**

**Vera Malaguti Batista** - São os efeitos concretos que os discursos do medo impõem às políticas de segurança pública e ao



*"Estamos vivendo a mentalidade de fortaleza sitiada"*  
Vera Malaguti Batista

planejamento urbano. É você ter uma cidade onde os ricos ficam fortificados e os pobres jogados na periferia, com um tipo de policiamento exterminador, violento. E junto com a ampliação do medo vem a separação social.

**- Em que se baseia este medo?**

- Minha pesquisa foi sobre o medo no Rio de Janeiro, no século XIX. Fiz pesquisas nos arquivos de jornais, discursos legislativos, artigos médicos. O grande medo naquela época eram as rebeliões escravas. Era uma socie-

dade que, em vez de questionar a escravidão, criminalizava as rebeliões. Hoje, estes escravos são heróis mas, naquela época, eram bandidos, criminosos.

Isso acontece numa sociedade com uma desigualdade e concentração de capital muito grande. Hoje, a sociabilidade só se dá no shopping, onde os pobres não entram. Os projetos habitacionais ou são condomínios fechados ou tentam jogar os pobres para mais longe. Estamos vivendo a mentalidade de fortaleza sitiada.

**- Como seria este medo hoje?**  
**- Seria "A favela vai descer".**

Em vez de raciocinar sobre o que pode ser feito para aumentar a integração, há um discurso que amplia o medo, que demoniza a áreas pobres, como um lugar só de bandido. Você cria também modelos de policiamento brutalizado para estas áreas.

Eu não saberia falar da realidade do Espírito Santo, mas, quando quisermos trabalhar os medos, temos que olhar para a nossa história. Os urbanistas e os so-

## Americano defende descentralização

As cidades podem ganhar força e se desenvolver melhor se o poder for descentralizado. Foi o que afirmou o economista e diretor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Columbia (EUA), Albert Fishlow, na palestra "A nova ordem mundial e a gestão das cidades", ontem, no segundo dia do Congresso Cidades 2006, em Vitória.

Ele destacou a importância das cidades terem autonomia para, então, se desenvolver. Segundo Fishlow, um governo descentralizado pode contribuir de forma mais eficiente para que as cidades promovam ações e executem projetos sociais e de segurança, por exemplo, com mais autonomia.

"Acredito que a descentralização é a saída para que as cidades se desenvolvam. Em um governo centralizado, existem mais pessoas recebendo informações, mas isso não quer dizer que é melhor. É preciso dar mais responsabilidade para as cidades, para que vejam que elas mesmas necessitam fazer algo. O cidadão é que fica esperando que algo seja feito, que aconteça", comentou.

Como exemplo, o economista citou os países da América Latina, envolvendo o bloco econômico Mercosul. "Hoje, o que estamos vendo é uma divisão acontecendo entre os países, que estão redefinindo sua linha no contexto", frisou Fishlow, que

também é diretor do Instituto de Estudos Latino-Americanos.

Ele lembrou, ainda, da onda de violência que ocorreu recentemente em São Paulo e disse que a solução para diminuir a criminalidade seria o Brasil avaliar as experiências bem-sucedidas em outros países e adaptá-las da melhor forma a sua realidade. "O Brasil deve olhar as experiências mundiais e tirar suas conclusões, estudar o que foi feito em outras nações e aplicar aqui", destacou.



**Fishlow: "Mais responsabilidades para as cidades"**

### SERVIÇO

#### PALESTRA: "CIDADE E ARQUITETURA DO MEDO"

- Dia: Hoje
- Local: Auditório 2 do Congresso Cidades 2006
- Horário: 9 às 10 horas

ciólogos deveriam trabalhar um pouco a história da cidade para não reproduzirem o medo das sociedades escravocratas.

**- A senhora afirma que os guetos fazem parte da estrutura do medo. Seriam as favelas?**

- O gueto é uma maneira de se trabalhar os indesejáveis, tornando-os separados. Eu acho que as favelas e as periferias são apartadas e, com a entrada do neoliberalismo, a distância aumentou. Eu sou de uma geração que estudava em escola pública. Eu, que sou do Leblon, estudava com gente da Rocinha, do Vidiagal. O desmantelamento da educação e da saúde públicas aumentou esta distância. Não é só a desigualdade, mas também a raiva recíproca entre os dois grupos.

**- A gente pode mudar essa realidade ou só o poder público?**

- É um conjunto. Temos que aumentar as redes de comunicação e, em vez da blindagem, da fortificação, trabalhar mais a receptividade, a comunicação, integração. É um novo modelo de convivência urbana, mas teria que ser também um outro modelo econômico, político, social e cultural.

### AGENDA CULTURAL

#### CIDADES 2006 HOJE

- 10h15 - Apresentação "Pios de Aves do Brasil", Fábrica de Pios de Cachoeiro de Itapemirim, no auditório central.
- 12h - Show musical "Carna de Gato", no restaurante universitário.
- 12h30 - Mostra de vídeos sobre o folclore capixaba, no cine Metrôpolis.
- 13h - Mostra de vídeos: Cine Falcatrú, no auditório central.
- 13h - Show musical com o grupo Arruaça, de Sérgio Torrente, na Feira das Cidades.
- 18h - Apresentação do grupo de dança italiana de Cariacica, na Feira das Cidades.
- 19h - Show musical com o grupo de hip hop "J3", na Feira das Cidades.
- 20h - Show musical com Carlos Papel, na Feira das Cidades.
- 20h30 - Noite dos Tambores, na praça do restaurante universitário.

#### FEIRA DA PAZ

- HOJE - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO
- 19h - Jr. Bocca e a Madera.
- 22h30 - Bando de Conga, com gravação do DVD ao vivo.
- 22h - Forró Raiz.

## O QUE ELES DISSERAM NO CIDADES 2006

### FUTURO

O futuro econômico das grandes cidades está nos serviços empresariais, na concentração de sedes de grandes organizações, na exportação de cultura e na valorização de atividades multiplicadoras de negócios diversos, como o turismo.

Essa é a fórmula defendida ontem por Paulo Henrique Almeida, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutor em Economia e consultor da Prefeitura de Salvador.

### MAIS SERVIÇOS

Paulo Henrique de Almeida, doutor em Economia, criticou a opção pela industrialização feita por muitas cidades e valorizou o setor de prestação de serviços, que ganha importância em alguns centros.

"Um quarto do comércio mundial e um terço do americano exportam serviços, atividade que precisa urgentemente crescer no Brasil", destacou.

### CRIATIVIDADE

Cidades criativas precisam de planejamento. Devem ofertar talento, tecnologia e tolerância. Governo e sociedade precisam de foco em formação de massa crítica, identidade e originalidade, capacidade inovadora, diversidade, acessibilidade à informação, segurança, capacidade organizacional e liderança dos agentes públicos.

"O Cidades 2006 abre a possibilidade do debate desses temas", disse Paulo Henrique de Almeida.

### TURISMO

Valorizando o turismo de negócios - que hoje vem sendo desenvolvido em Vitória -, o professor Paulo Henrique de Almeida destacou a segmentação: "O turismo segmentado é o que mais cresce. Diferente do turismo de massa, esse tipo é o que mais avança, movimenta fornecedores e atrai um turista disposto a gastar muito, porém exigente, em busca de cidades saudáveis para os moradores e com uma imagem consolidada e fiel ao que oferece".

### EXCLUSÃO

"O Brasil é formado por ilhas de inclusão rodeadas por um mar revoltoso de exclusão". Foi o que afirmou ontem o economista Marcio Pochmann, pesquisador e professor do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp).

Após demonstrar como a concentração de renda distancia um seletor grupo de ricos de uma grande massa de pobres, Pochmann sugeriu a construção de uma agenda de inclusão social.